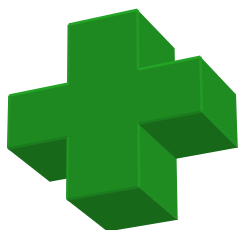




FORMAÇÃO



Nº 2
Março
a Julho 2015



Juventude Mariana Vicentina
Avenida Marechal Craveiro Lopes, n.º 10
1700-284 Lisboa

Telefone: 217 521 430 | Fax: 217 521 454
www.jmvpt.org | jmvportugal@gmail.com

Metodologia de trabalho do tema anual

O presente documento “+ Formação”, destinado aos centros locais, apresenta material formativo sobre o tema anual da JMV: “Projeta-te para Cristo!”, para que estes o trabalhem segundo um esquema de subtemas.

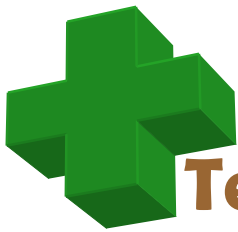
Os 4 quatro subtemas são:



Durante os meses de outubro a fevereiro, convidámos os centros locais a trabalharem o primeiro subtema: “Projeta-te para Cristo: No amor!”. Agora convidamos os centros locais a trabalharem o segundo subtema: “**Projeta-te para Cristo: Na liberdade!**” durante os meses de março a julho.

Neste **2º Subtema**, pretende-se desenvolver as seguintes ideias-chave:

- ↪ Somos seres em construção livres;
- ↪ Estamos vocacionados para o Bem (Deus chama-nos a fazer o bem), uma vez que fomos criados à imagem de Deus, e em Deus só habita o bem, contudo na nossa liberdade somos livres de optar pelo pecado (Deus inscreveu no projeto do Homem a possibilidade do pecado a fim de podermos ser livres);
- ↪ Somente na liberdade chegamos à verdade;
- ↪ Tornamo-nos cada vez mais livres na medida que nos realizamos (trabalhamos pelo “nosso projeto”);
- ↪ Na medida em que somos mais livres, “abre-se” para nós, uma maior capacidade de amar.



Textos Formativos

UTILIZA ESTES TEXTOS
PARA A TUA FORMAÇÃO
ENQUANTO ANIMADOR!

Excerto do documento

CARTA ENCÍCLICA VERITATIS SPLENDOR DO SUMO PONTÍFICE JOÃO PAULO II

O ESPLENDOR DA VERDADE brilha em todas as obras do Criador, particularmente no homem criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26): a verdade ilumina a inteligência e **modela a liberdade do homem, que, deste modo, é levado a conhecer e a amar o Senhor.** Por isso, reza o salmista: «Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face» (Sal 4, 7).

(...)

«Aproximou-se d'Ele um jovem... » (Mt 19, 16)

O diálogo de Jesus com o jovem rico, narrado no capítulo 19 do Evangelho de S. Mateus, pode constituir uma válida pista para ouvir novamente, de um modo vivo e incisivo, o Seu ensinamento moral: «Aproximou-se d'Ele um jovem e disse-Lhe: "**Mestre, que devo fazer** de bom para alcançar a vida eterna?". Jesus respondeu-lhe: "Por que me interrogas sobre o que é bom? Um só é bom. Mas se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos". "Quais?" — perguntou-Lhe. Replicou Jesus: "Não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe; e ainda, amarás o teu próximo como a ti mesmo". Disse-Lhe o jovem: "Tenho cumprido tudo isto; que me falta ainda?" Disse-lhe Jesus: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-Me"» (Mt 19, 16-21). 13

«Aproximou-se d'Ele um jovem... ». No jovem, que o Evangelho de Mateus deixa sem nome, podemos reconhecer cada homem que, conscientemente ou não, se aproxima de Cristo, Redentor do homem, e lhe coloca a questão moral. Para o jovem, mais do que uma pergunta sobre as normas a observar, **trata-se de uma questão de plenitude de significado para a vida.** Esta é efetivamente a aspiração que está no âmago de cada decisão e de cada ação humana, a **inquietação secreta e o impulso íntimo que movem a liberdade.** Esta pergunta é, em última análise, um apelo ao Bem absoluto que nos atrai e chama para Si, é o eco de uma vocação de Deus, origem e fim da vida do homem.

(...)

A perfeição exige aquela maturidade no dom de si, a que é chamada a liberdade do homem. Jesus indica ao jovem os mandamentos como a primeira condição imprescindível para obter a vida eterna; o abandono de tudo quanto o jovem possui **e o seguimento do Senhor assumem,** pelo contrário, **o carácter de uma proposta: «Se queres... ».** A palavra de Jesus revela a **dinâmica particular do crescimento da liberdade** em direção à sua maturidade e, ao mesmo tempo, comprova a relação fundamental da liberdade com a lei divina. **A liberdade do**

homem e a lei de Deus não se opõem, pelo contrário, reclamam-se mutuamente. O discípulo de Cristo sabe que a sua é uma vocação para a liberdade. «Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade» (Gál 5, 13), proclama com alegria e orgulho o apóstolo Paulo.

(...)

«Não tomeis, porém, a liberdade como pretexto para servir a carne. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros pela caridade» (ibid.). A firmeza com que o Apóstolo se opõe a quem confia a própria justificação à Lei, nada tem a ver com a «libertação» do homem dos preceitos, os quais, pelo contrário, estão ao serviço da prática do amor: «Pois quem ama o próximo cumpre a Lei. Com efeito, o preceito: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás e qualquer um dos outros mandamentos resumem-se nestas palavras: Amarás o próximo como a ti mesmo» (Rm 13, 8-9). O mesmo S. Agostinho, depois de ter falado da observância dos mandamentos como sendo a primeira e imperfeita liberdade, assim continua: «Não é ainda perfeita, por quê? — perguntará alguém. Porque "sinto nos meus membros uma outra lei em conflito com a lei da minha razão" (...) Liberdade parcial, parcial escravidão: a liberdade ainda não é completa, não é ainda pura, não é ainda plena, porque ainda não estamos na eternidade. Conservamos, em parte, a fraqueza, e, em parte, alcançamos já a liberdade. Todos os nossos pecados foram destruídos no batismo, mas porventura desapareceu a fraqueza, depois de ter sido destruída a iniquidade? Se aquela tivesse desaparecido, viver-se-ia na terra sem pecado. Quem ousará afirmar isto a não ser o soberbo ou quem é indigno da misericórdia do libertador? (...) Ora, uma vez que ficou em nós alguma fraqueza, **ousa dizer que, na medida em que servimos a Deus somos livres,** mas somos escravos na medida em que seguimos a lei do pecado».

Quem vive «segundo a carne» sente a lei de Deus como um peso, mais, como uma negação ou, pelo menos, uma restrição da própria liberdade. Ao contrário, quem é animado pelo amor e «caminha segundo o Espírito» (Gál 5, 16) e deseja servir os outros, encontra na lei de Deus o caminho fundamental e necessário para **praticar o amor, livremente escolhido e vivido. Mais ainda, ele percebe a urgência interior — uma verdadeira e própria «necessidade», e não já uma imposição** — de não se deter nas exigências mínimas da lei, mas de vivê-las em toda a sua «plenitude». É um caminho ainda incerto e frágil, enquanto estivermos na terra, mas tornado possível pela graça que nos outorga a posse da plena liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 21) e, portanto, de **responder na vida moral à sublime vocação de ser «filhos no Filho».**

Esta vocação ao amor perfeito não está reservada só para um círculo de pessoas. O convite «vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres» com a promessa «terás um tesouro no céu», dirige-se a todos, porque é uma radicalização do mandamento do amor ao próximo, assim como o convite posterior «vem e segue-Me» é a nova forma concreta do mandamento do amor de Deus. Os mandamentos e o convite de Jesus ao jovem rico estão ao serviço de uma única e indivisível caridade, **que espontaneamente tende à perfeição, cuja medida é só Deus: «Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste»** (Mt 5, 48). No Evangelho de S. Lucas, Jesus precisa ainda mais o sentido desta perfeição: «Sede misericordiosos, como também o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36).

«Conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres» (Jo 8, 32)

Os problemas humanos mais debatidos e diversamente resolvidos na reflexão moral contemporânea, estão ligados, mesmo se de várias maneiras, a um problema crucial: o da liberdade do homem.

(...)

«A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis "deixar o homem entregue à sua própria decisão" (cf. Sir 15, 14), para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele».57

Lemos no livro do Génesis: «O Senhor deu esta ordem ao homem: "Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás"» (Gn 2, 16-17).

Com esta imagem, a Revelação ensina que não pertence ao homem o poder de decidir o bem e o mal, mas somente a Deus. O homem é certamente livre, uma vez que pode compreender e acolher os mandamentos de Deus. E goza de uma liberdade bastante ampla, já que pode comer «de todas as árvores do jardim». Mas esta liberdade não é ilimitada: deve deter-se diante da «árvore da ciência do bem e do mal», chamada que é a aceitar a lei moral que Deus dá ao homem. Na verdade, a liberdade do homem encontra a sua verdadeira e plena realização, precisamente nesta aceitação. Deus, que «só é bom», conhece perfeitamente o que é bom para o homem, e, devido ao seu mesmo amor, propõe-lo nos mandamentos. **Portanto, a lei de Deus não diminui e muito menos elimina a liberdade do homem, pelo contrário, garante-a e promove-a.**

(...)

Deus quis deixar o homem «entregue à sua própria decisão» (Sir 15, 14)

Retomando as palavras do Sirácida, o Concílio Vaticano II explica assim a «verdadeira liberdade», que, no homem, é «sinal privilegiado da imagem divina»: «Deus quis "deixar o homem entregue à sua própria decisão", para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a Ele». Estas palavras indicam a maravilhosa profundidade da participação na soberania divina, à qual foi chamado o homem: indicam que o poder do homem se estende, de certa maneira, sobre si mesmo. Este é um aspeto constantemente acentuado na reflexão teológica sobre a liberdade humana, interpretada como uma forma de realeza. Escreve, por exemplo, S. Gregório de Nissa: «O espírito manifesta a sua realeza e excelência (...) pelo facto de ser sem dono e livre, governando-se soberanamente pelo seu querer.



Propostas para tempos de Oração

Cântico: Tomai Senhor e Recebei

Tomai Senhor, e recebei
Toda a minha liberdade, a minha memória
E o meu entendimento,
Toda a minha vontade,
E tudo o que eu possuo.
Vós me destes, a vós o restituo.

Tudo é vosso, disponde.
Pela Vossa vontade
Dai-me apenas, Senhor,
O vosso amor e graça
Que isso me basta.

Nota: Esta música convida-nos a refletir sobre a liberdade, uma liberdade que é nossa, mas que foi de Deus que a recebemos e que só na vida onde habita a Boa Nova de Jesus Cristo a conseguimos viver em plenitude. Ideia que enaltecida nos versos: “Vós me destes, a vós o restituo.”

Cântico: “Ensina-me a Viver”

Senhor eu peço o Teu amor por nós,
é tão mais fácil conviver.
Com atenção ouvimos Tua voz
para podermos aprender.

Oh, Senhor dá-nos Tua graça e luz
para podermos caminhar
e carregando esta nossa cruz
fica mais fácil suportar.

Senhor, ensina-me a viver
a dar e receber
de Ti o que eu mereço
é tudo o que eu Te peço
para continuar
a poder caminhar
para a frente

(Oh, Senhor) Dá-me a Tua mão,
que eu nunca diga não.
Tu és a minha luz,
és Tu quem me conduz
até à eternidade
com toda a liberdade
para sempre... Oh, Senhor!

Gostava de Te poder ter aqui,
tudo seria bem diferente
Dar-Te a mão e irmos por aí,
falar de Ti a toda a gente

Nota: Nesta música somos convidados, à semelhança do compositor, a pedir a Deus que caminhe sempre connosco, porque somente deste modo, sabemos que encontramos a felicidade. O compositor vai ainda mais longe afirmando que só caminhando com Deus, conseguirá ser feliz toda a eternidade, e em nada se sente limitado na sua liberdade pela sua presença! Afirmação bem latente nos versos: “Tu és a minha luz, és Tu quem me conduz, até à eternidade, com toda a liberdade para sempre”.

Passagens Bíblicas:

Leitura Bíblica Gal 5, 1, 13 - 14

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão. Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne numa ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo.

Nota: Somos convidados a meditar a Palavra de Deus, e a descobrir nesta um convite a viver a liberdade, que nos foi oferecida por Cristo, no amor do serviço pelo Irmão. Porque na medida em que somos mais livres, “abre-se” para nós, uma maior capacidade de amar. Projeta-te na liberdade que se encontra na Boa Nova de Jesus Cristo e descobrirás que cada dia mais amarás!

Leitura Bíblica Jo 8, 31-36

Então, Jesus pôs-se a dizer aos judeus que nele tinham acreditado: «Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres.» *Replicaram-lhe: «Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém! Como é que Tu dizes: 'Sereis livres'?» Jesus respondeu-lhes: «Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete o pecado é servo do pecado, e o

servo não fica na família para sempre; o filho é que fica para sempre. Pois bem, se o Filho vos libertar, sereis realmente livres.

Nota: Somos convidados a meditar a palavra de Deus e a descobrir nesta que estamos vocacionados para o Bem, uma vez que fomos criados à imagem de Deus, contudo na nossa liberdade somos livres de optar pelo pecado, e quando optamos pelo pecado, perdemos a nossa liberdade. Somente a projetarmos a nossa vida, segundo a Boa Nova de Cristo, livre do pecado, viveremos na verdadeira liberdade.

Orações

Senhor Jesus,
Ajuda-me a que como teu filho,
A trilhar os Teus passos,
Tal como uma criança que saltita alegremente,
colocando seus pés nas pegadas do pai!
Em que tem em si um desejo profundo e livre de seguir o Pai!
Pequenos passos saltitantes, que conduzem a uma vida, que se projeta no amor e na liberdade para o Pai!

Senhor Jesus,
Tu que nos concedeste a liberdade,
e nos mostras diariamente os caminhos onde esta habita,
ajuda-nos a nunca esquecer de a agradecer nas nossas vidas,
a nunca deixar de a pedir pelos irmãos que não a tem,
e a nunca a deixar-mos de a alimentar na Tua Palavra.
Por tudo isto, te bendizemos, Oh Senhor!

Graças /Preces:

1. Demos graças a Deus, por Ele nos ter criado na liberdade e para a liberdade.
2. Demos graças a Deus, por nos ter dado o exemplo de Jesus Cristo, que nos permite diariamente transformar o nosso eu, a fim de na nossa liberdade nos aproximarmos mais da “imagem” de Deus.
3. Demos graças a Deus, por nos enviar o Espírito Santo, que nos auxilia a discernir o que é o bem e o que é o pecado, a fim de permanecermos cristão livres, abertos ao irmão.
4. Pedimos-te, Senhor, que nos ajudes a diariamente reconhecer que somos filhos de Deus, que amplificam a sua liberdade, projetando-se no amor de Deus.
5. Pedimos-te, Senhor, que nos ajudes diariamente a viver a nossa liberdade de forma responsável e comprometida com a sociedade.
6. Pedimos-te, Senhor que nos ajude a rezar pelo irmão, para que ele não deixe de ansiar projetar a sua vida para Deus, e a vivê-la na liberdade, que muitas vezes lhe é negada.



Dinâmicas Diretrizes

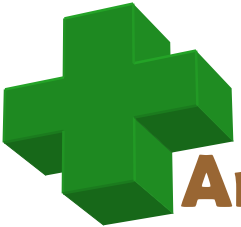
Dinâmica

“A alegria de caminharmos na liberdade em comunidade”

Objetivo: Convidar a comunidade/paróquia a meditar o sentido de:

- Somos seres vocacionados para o amor ao outro na liberdade;
- E em que medida sei conscientemente respeitar a liberdade de cada elemento que faz parte da comunidade.

Dinâmica: Convite à paróquia para participar numa ação de formação.



Animador

ETAPAS DA VIDA DE UM GRUPO

Nascimento: (Iniciação)

O grupo nasce como nasce uma pessoa, e no início este é bastante dependente do(a) coordenador/a, necessita de muitos cuidados. Durante o primeiro ano o grupo recém-nascido surpreende-se em tudo o que o rodeia, começa a falar as primeiras palavras e dá os seus primeiros passos incertos, descobre que é capaz de mover-se e andar. Os membros sentem-se bem estando juntos, crescem entre eles e desejam conhecer-se mais, de apoiar-se e chegarem a uma identidade própria.

Infância:

Pouco a pouco, o grupo vai crescendo e os seus membros vão descobrindo que podem chegar a fazer algo em comum, aprofundam a comunicação, vão definindo objetivos e vislumbram os caminhos que podem seguir. É tempo de imaginação, de planos fabulosos e de imitação do que fazem outros grupos. Alguns membros querem ter um papel importante, às vezes surgem disputas, eles assumem responsabilidades que logo não podem cumprir, pois tem pouca capacidade de evoluir.

Adolescência:

É o momento das crises de integração, de lutas pela liderança, de uma nova procura do sentido do grupo e dos caminhos concretos para fundar a sua identidade. Neste momento, o grupo autoafirma-se ou desfaz-se. É muito importante ajudar os membros a identificar a fonte da crise, a dialogar entre eles, a dar importância aos outros, a realizar ações que lhes permitam pôr em práticas os seus ideais, a procurar caminhos de amadurecimento.

Juventude:

Superada a crise, o grupo alcança maior estabilidade, vai obtendo uma personalidade no grupo mais definida, adquire mais autonomia e respeito pelo Coordenador/a, aprofunda os seus relacionamentos, assume compromissos com mais seriedade, abre-se para a realidade social e começa a tomar decisões importantes. A própria maturidade leva-o a procurar o sentido comunitário e a afetividade, a ser mais realista na hora de traçar objetivos e a exigir compromissos concretos e firmes dos seus membros.

Maturidade:

Um grupo jovem é maduro quando os seus membros decidem viver o mais fortemente possível a experiência de comunidade, com objetivos muito claros e definidos, com níveis de comunicação profunda e com aceitação mútua incondicional, com um projeto de serviço realmente ligado em sua realidade. É o momento em que descobrem a necessidade de ser multiplicadores desta experiência e decidem fazer nascer novos grupos, com impulsos novos. É o momento em que os membros se ajudam uns aos outros a fazer a própria opção vocacional.

Morte – Vida nova:

O grupo não pode permanecer para sempre, pois não é imortal... Uma vez que encontram o seu próprio caminho e fazem uma opção na vida. Os seus membros que já não são jovens, mas sim adultos, dispersam-se... E começam a dar vida noutros ambientes, vivendo de uma maneira nova e sendo agentes transformadores da realidade. Não se trata de morrer e desaparecer, pois ainda que o grupo se desfaça, paralelamente aparecem novos impulsos de vida, novas realidades... Há que fazer novamente a proposta a outros jovens e fazer que eles experimentem o que foi vivido pelo grupo anterior. Assim, nascem novos grupos, que iniciam novamente o processo.

